

MUITAS FESTAS NUMA SÓ: A CONFIGURAÇÃO DO CAMPO DO CARNAVAL DO RECIFE

Brunno Fernandes da Silva Gaião*
André Luiz Maranhão de Souza Leão**

Resumo

O carnaval é considerado uma das festas mais emblemáticas da identidade cultural brasileira. Em Pernambuco, ganha destaque a festa realizada na cidade do Recife, marcada pela multiplicidade de ritmos, públicos e espaços, e pela convivência entre a tradição e o novo. Valendo-nos da teoria dos campos de Pierre Bourdieu, buscamos discutir como se configura o campo do Carnaval Multicultural de Recife. Para tanto, recorreremos à análise de dados secundários, formados pelas informações disponibilizadas pela organização do evento, e de dados primários coletados por meio de observações não participantes na festa de carnaval de 2012. Entendemos os diferentes espaços da festa, os polos do carnaval, como representativos de nove posições distintas dentro do campo em questão. Cada polo está relacionado com uma classe de foliões específica, que apresenta um perfil particular.

Palavras-chave: Carnaval. Recife. Polos. Campos. Bourdieu.

Many Parties in One: the configuration of the field of Recife's carnival

Abstract

Carnival is one of the most emblematic parties of Brazilian cultural identity. In Pernambuco the party held in Recife is marked by a multiplicity of rhythms in public spaces and the coexistence of traditional and new cultural manifestations. Drawing on the theory of fields of Pierre Bourdieu, we discuss the configuration of the field of the Multicultural Carnival of Recife. We use secondary data analysis composed of the information provided by the organization of the event and primary data collected through non participant observations in the celebration of Carnival 2012. We understand the different spaces of the party, the poles of the carnival, as representative of nine different positions within the field in question. Each pole is related to a specific class of revelers who each have a particular profile.

Keywords: Carnival. Recife. Poles. Fields. Bourdieu.

* *Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Inovação, Tecnologia e Consumo da UFPE, Recife/PE/Brasil. Endereço: Av. dos Economistas, s/n – CDU. Recife/PE. CEP: 50670-901. E-mail: brunno_gaiao@hotmail.com*

** *Professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas e do PPGA da UFPE, Recife/PE/Brasil. E-mail: aleao21@hotmail.com*

Introdução

Os festejos populares do Brasil são o resultado de influências diversas, produto de um caldeirão de etnias, crenças e tradições. Em meio às disputas por território, recursos e pela imposição de culturas vindas de além-mar, os momentos de festa e celebração surgiram como forma de expressão e espaço de fuga para diferentes grupos. As festas populares, então, se tornaram instrumento de resistência dos povos em defesa de sua cultura. A mistura de símbolos e rituais deu origem às tradições e festejos que se perpetuaram através dos tempos, até os dias atuais.

Neste sentido, Pessoa afirma que

tendo sido formado por uma fabulosa mistura de povos milenares e festeiros, como o indígena, o europeu e o negro vindo à força da mãe África, o Brasil não poderia fugir a essa universalidade da festa. Fazemos festa por todos os motivos e, quando não os temos, inventamos. (PESSOA, 2005, p. 32).

O carnaval é considerado uma das festas mais emblemáticas da identidade cultural brasileira, destacando-se por protagonizar um processo de ressignificação de memórias lúdicas e artísticas do povo, em trânsito com símbolos, redefinições de espaço e inversões de regras, permitindo incremento no comércio de lazer e diversão (FARIA, 2006). Podemos destacar os carnavais do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco como os de maior projeção do Brasil. O carnaval de Pernambuco, particularmente, é aquele em que a participação popular ainda se faz mais presente, mantendo tradições iniciadas com os clubes de pedestres do Recife no século XIX (ARAÚJO, 1997).

Em Pernambuco, ganha destaque a festa realizada na cidade do Recife, marcada pela multiplicidade de ritmos, públicos e espaços, e pela convivência entre a tradição e o novo (PREFEITURA DO RECIFE, 2012). Com base nestas características, a Prefeitura da Cidade do Recife lançou, em 2002, o Carnaval Multicultural, que se pretende “democrático, popular e diversificado, [...] com polos de animação espalhados por toda a cidade”, prometendo ao folião grandes espetáculos ao alcance de todos, espacial e socialmente (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

Desta forma, o carnaval de Recife, assim como tantas outras festas, compõe agora um circuito de eventos-espetáculo cosmopolitas. Eventos definidos em razão do forte apelo mercantil das atividades neles desenvolvidas, os quais estão voltados para a prestação de serviços de diversão e se situam nos canais dos fluxos das redes midiáticas, pelos quais símbolos são insumos e mercadorias, a um só tempo. Neste contexto, encontram-se amalgamadas expressão e produção culturais; trabalho e diversão (FARIA, 2006).

Mas o carnaval, também, é uma festa que movimenta a economia. Os números de 2011 revelam o impacto que a Folia de Momo proporcionou à economia de Pernambuco. A receita deixada pelos visitantes foi de R\$ 570 milhões e o Estado recebeu, durante o carnaval, cerca de um milhão de visitantes. A Região Metropolitana do Recife registrou 96% de ocupação hoteleira no período (TENDÊNCIAS E MERCADOS, 2011).

Na medida em que “não resta dúvida de que a cultura encerra sempre uma dimensão de poder que lhe é interna, as manifestações populares podem ser, assim, analisadas em termos de poder” (ORTIZ, 2006, p.142). Logo, a partir da teoria bourdieusiana, é possível analisar o carnaval de Recife como um campo social composto por agentes distintos que procuram, à sua maneira, defender seus interesses. A disputa contínua dentro deste campo envolve os diferentes representantes do Estado, as organizações empresariais, os comerciantes informais, os artistas, as agremiações carnavalescas e, finalmente, os foliões (CARVALHO; MADEIRO, 2005).

Destarte, a festa carnavalesca pode representar: fonte de lucro para empresas promotoras de eventos; oportunidade para artistas de todos os portes; aumento de renda para agências de viagens, hotéis e restaurantes; e instrumento político para o Estado. Neste sentido, Vidal e Andrade (2009, p. 2) chegam a afirmar que o carnaval se tornou “menos uma manifestação espontânea do que um elemento de controle dos grupos políticos no poder”. O discurso do Estado e a realidade da festa carnavalesca na perspectiva do folião parecem divergir.

A partir da problemática apresentada, e valendo-se da teoria dos campos de Pierre Bourdieu, podemos elaborar o seguinte questionamento: Como se configura o campo do Carnaval Multicultural de Recife?

O Carnaval de Recife

O carnaval é uma das mais notórias manifestações populares da cultura pernambucana. Desde o sábado de Zé Pereira, quando os clarins de Momo anunciam a festança, as gentes fantasiadas e mascaradas invadem as ruas das principais cidades. O povo se organiza em blocos, troças, clubes, caboclinhos, maracatus, ursos. Existe uma multiplicidade de ritmos sem igual. Com um arlequim criativo e multifacetado, o carnaval pernambucano encanta por sua originalidade numa síntese de ritmos e culturas (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

As origens do carnaval de Recife remontam ao final do século XVII, quando carregadores de açúcar e outras mercadorias, em sua maioria negros (escravos ou libertos), se reuniam para celebrar a Festa de Reis. Os grupos de trabalhadores conduziam bandeiras e entoavam cantigas em ritmo de marcha, dando origem ao maracatu de hoje (SILVA *et al.*, 2004; FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2012; PREFEITURA DE OLINDA, 2012). Além da influência africana, assim como no restante do país, os festejos pernambucanos foram fortemente influenciados pelo entrudo português, que consistia em correrias e brincadeiras de mela-mela (SILVA *et al.*, 2004; VIEIRA; COSTA, 2007).

Nos séculos XVIII e XIX, os grupos improvisados começaram a se organizar, formando as primeiras agremiações carnavalescas, as troças e os papangus, que desfilavam nas ruas centrais de Recife. Todas estas manifestações populares eram realizadas de maneira espontânea, com a participação do povo (SILVA *et al.*, 2004). Após alguns anos, enfim, os mascarados chegaram às ruas da cidade, e conquistaram a preferência do povo, em detrimento do entrudo (VIEIRA; COSTA, 2007).

Foi nessa época, também, que teve origem o frevo, estilo musical e dança característicos da região (PREFEITURA DE OLINDA, 2012). A palavra “frevo” vem do verbo “ferver”, que era pronunciada de maneira equivocada pelas camadas mais populares dos foliões, que usavam a expressão “frevor”. Oficialmente, o gênero frevo surgiu em 09 de fevereiro de 1907, quando foi divulgado como parte do repertório do Clube Carnavalesco Empalhadores do Feitosa. No entanto, o termo já era utilizado desde o final do século XIX (SEBE, 1986; SALDANHA; CARRASCO, 2006).

Desta forma, o carnaval de Recife tal como o conhecemos hoje é fruto da mistura de influências da cultura africana, de tradições da colonização portuguesa e de festas européias diversas. A festa pode ser entendida como um mosaico folclórico, no qual “convivem vários tipos diferentes de desfiles ou cortejos, cada qual com origens históricas ou bases sociais diferentes, além de estilos próprios” (ARAI, 1994, p. 2).

Hoje, o carnaval de Pernambuco é referência nacional, juntamente com o do Rio de Janeiro e o de Salvador. O evento atrai turistas de todo o país e arrasta multidões durante os dias de festa, tendo grande importância para a economia do Estado como um todo (LÓSSIO; PEREIRA, 2008).

Desde 2002, em Recife, a festa tem valorizado a diversidade cultural, adotando os conceitos de multiculturalismo e descentralização. A atual proposta do carnaval passa pela instalação de “polos de animação” espalhados por toda a cidade, oferecendo oportunidades de diversão a todos (PREFEITURA DO RECIFE, 2012; VIDAL, 2010).

Em 2012, a 11ª edição do Carnaval Multicultural do Recife, com 17 polos (nove polos centralizados e oito descentralizados) distribuídos em bairros da cidade, contou com 300 atrações locais e nacionais. De acordo com a Prefeitura da cidade, a festa de carnaval tem se fortalecido cada vez mais, consolidando o conceito multicultural. Algumas das principais atrações foram o tradicional Bloco do Zé Pereira, o Galo da Madrugada (um dos maiores blocos carnavalescos do mundo), a Frevioca (orquestra volante que circula pelas ruas da cidade) e os inúmeros shows realizados no Recife Antigo (LÓSSIO; PEREIRA, 2008; PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

A Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu

Neste ponto, após uma breve apresentação da festa de carnaval de Recife e levando em consideração a natureza da problemática apresentada anteriormente, o pensamento de Pierre Bourdieu se mostra uma opção teórica apropriada para dar continuidade ao desenvolvimento deste trabalho. A obra de Bourdieu tem sido utilizada de forma marcante na realização de estudos direcionados para o entendimento de fenômenos sociais diversos, como a configuração de redes empresariais (PASSOS *et al.*, 2005; ALBAGLI; MACIEL, 2002; COSTA; COSTA, 2005), a compreensão de aspectos ligados ao consumo contemporâneo (OLIVEIRA, 2001; SLOAN, 2005; BARBOSA; CAMPBELL, 2007; CASTILHOS, 2007), os estudos sobre poder em contextos organizacionais (MISOCZKY, 2003) e a própria investigação de outras festas carnavalescas enquanto espaços de poder e diferenciação (CARVALHO; MADEIRO, 2005).

De maneira geral, a obra de Pierre Bourdieu aponta para a construção de uma variante modificada do Estruturalismo, dando origem àquilo que ficou conhecido como “construtivismo estruturalista”. Assim, a contribuição bourdieusiana está posicionada a meio caminho entre o estruturalismo e o subjetivismo puros, discutindo a existência de uma estrutura subjacente ao social, analisada através de uma ótica crítica, destinada a expor os mecanismos de dominação e (re)produção de ideias (THIRY-CHERQUES, 2008; WACQUANT, 2008; BOURDIEU, 2010).

Bourdieu (2007a; 2009; 2010) defende a noção de que o espaço social é formado por diversos campos, dentro dos quais cada um dos agentes reproduz *habitus* – modos de ser – específicos, inseridos em uma contínua disputa pelo poder. Tal poder é determinado de acordo com o domínio dos capitais objetos de maior interesse no contexto de cada campo (ARAÚJO *et al.*, 2009; SCOTT, 2009). Utilizado na obra de Bourdieu a fim de se referir a um sistema de disposições adotado na teoria da prática para representar um sistema de disposições, modos de sentir e pensar, o *habitus* se configura como um tipo de matriz de ação que nos leva a entender o mundo de determinada forma, orientando nossas ações e atitudes. O conceito trata da interiorização das estruturas sociais por meio da história individual e coletiva, tornando-se imperceptíveis pelos agentes, convertendo-se em uma lógica infraconsciente de racionalidade prática (BOURDIEU, 2001; SETTON, 2002; WACQUANT, 2007).

De acordo com Pierre Bourdieu,

é preciso construir o espaço social como estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital. Nessa lógica, as classes sociais são apenas classes lógicas, determinadas, em teoria e, pode-se dizer assim, no papel, pela delimitação de um conjunto – relativamente – homogêneo de agentes que ocupam posição idêntica no espaço social. (BOURDIEU, 2007a, p. 29).

Destarte, podemos afirmar que “o *habitus* é a internalização ou incorporação da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização ou objetivação do *habitus*” (THIRY-CHERQUES, 2008, p.172). Bourdieu propõe o desenvolvimento de um pensamento topográfico visando à construção de um modelo de análise que observe os espaços sociais particulares e localize os objetivos de estudo, possibilitando a análise comparativa que destaque as especificidades de cada campo em particular, assim como os padrões comuns em relação aos mesmos (BOURDIEU, 2009). Bourdieu defende que

o espaço social global entendido como campo é, ao mesmo tempo, um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação de sua estrutura. (BOURDIEU, 1996, p. 50).

No campo, as posições que cada um dos agentes assume são determinadas por meio dos tipos e quantidades de capitais que estes possuem. Neste espaço social de conflitos, os agentes e grupos, de acordo com sua posição – de dominante ou dominado, procuram preservar ou alterar a distribuição de poder derivada da forma de capital em disputa no campo (BOURDIEU, 2010; RAUD, 2007). Bourdieu (2010)

afirma que são diversos os tipos de recursos postos em disputa em cada campo: o capital econômico, relacionado aos recursos monetários e financeiros; o capital social, referente aos recursos que podem ser mobilizados pelos atores em função da adesão a redes sociais e organizações; o capital cultural, que diz respeito ao conhecimento, às habilidades, às informações, definidos pelas disposições e hábitos adquiridos no processo de socialização; e o capital simbólico, concernente ao conjunto de rituais de reconhecimento social formado pelas categorias de percepção e julgamento que permitem definir e legitimar valores e estilos culturais, morais e artísticos. Destacamos que cada uma dessas formas de capital é conversível entre si (BOURDIEU, 2007b; THIRY-CHERQUES, 2008).

Dentro da estrutura do campo, cada posição é determinada, em parte, por um estado não permanente de relações de poder entre seus ocupantes, que estabelecem a maneira por meio da qual os capitais são repartidos. Em cada campo, existe um cenário de conflito entre os agentes que detêm os capitais valorizados no campo, através da violência simbólica, e os agentes que almejam a dominação (BOURDIEU, 1984). Tal dominação, em geral, ocorre de forma não evidente, implícita, que se estabelece como uma agressão dissimulada, mascarada e invisível. Esta se configura como imposição de uma arbitrariedade entendida como legítima dentro de cada campo, em que os ganhos de todos os tipos de capital são revertidos para os agentes dominantes, manobra exercida com a cumplicidade daquele que a sofre, das suas vítimas (THIRY-CHERQUES, 2006). Assim sendo, a dominação não é fruto direto de uma luta aberta entre classe dominante e classe dominada, mas sim deriva de um conjunto complexo de ações infraconscientes executadas pelos agentes (BOURDIEU, 1996).

O resultado dessas lutas será uma orientação à perpetuação de todo o campo. Bourdieu (2007b) entende o sistema de ensino, por exemplo, como empreendimento da cultura de classes, na qual a cultura escolar, dominada pela cultura burguesa através dos códigos comportamentais, lingüísticos e intelectuais, perpetua as ilusões necessárias ao funcionamento e à manutenção do sistema, ou seja, as crenças compartilhadas em um campo. São tais ilusões que correspondem ao que Bourdieu chama de *illusio*, a crença fundamental nos valores do campo que reveste as ilusões, as fantasias, a fé adquirida por disposições adequadas. É aquilo que é indiscutível, que justifica o injustificável, conformando a maneira de se estar no mundo (THIRY-CHERQUES, 2008).

Procedimentos Metodológicos

Na busca por caminhos metodológicos que se alinhassem a nossa pesquisa e às escolhas teóricas que determinamos, encontramos no próprio trabalho de Pierre Bourdieu princípios adequados para a condução deste estudo. Desta forma, não apenas os procedimentos analíticos a serem propostos a seguir foram pautados na teoria bourdieusiana, como também o entendimento do papel do pesquisador no fazer ciência.

Desta forma, assumindo o interpretativismo como orientação paradigmática, entendemos ser adequada a adoção de uma estratégia de pesquisa qualitativa, como forma de nos aproximarmos da compreensão da “realidade” em toda sua complexidade e múltiplas representações (LINCOLN; GUBA, 2005). Tal escolha se deu pela natureza do estudo e as características inerentes a esta abordagem, já que não pretendemos explicar o fenômeno objeto do estudo, mas sim compreendê-lo em suas particularidades (LINCOLN; GUBA, 2005).

A opção pelos procedimentos qualitativos se mostra apropriada devido à busca por um contato direto com a situação estudada e a compreensão do fenômeno a partir da perspectiva dos participantes. Os estudos qualitativos se desenrolam em cenários naturais, nos quais o investigador se insere e, por meio de métodos diversos de coleta de dados, apreende a realidade estudada (CRESWELL, 2010). Valendo-se da reflexão contínua e de uma visão ampla dos fatos investigados o pesquisador interpreta e confere significados aos fenômenos objeto de estudo.

O *corpus* de pesquisa utilizado neste trabalho foi composto por duas fontes de dados. Uma vez que o objetivo de nosso trabalho é investigar a festa carnavalesca

de Recife, nos ativemos ao Carnaval de 2012. Em primeiro lugar, coletamos dados secundários referentes à organização do evento, disponibilizados pela própria Prefeitura Municipal do Recife, contemplando informações acerca da proposta do evento, de acordo com a prefeitura, a programação do Carnaval e outras informações complementares. Em seguida, no decorrer dos dias de festividade carnavalesca, foram coletados dados primários por meio de observação não participante¹.

As observações foram realizadas por um dos autores e registradas em notas de campo e gravações de áudio. Esse processo focou no público presente, em cada polo da festa, seu comportamento e perfil, bem como na própria ambientação de cada um dos polos. A cada noite, o pesquisador transitou pelo máximo de polos possíveis, registrando suas impressões e relatando alguns incidentes críticos.

Após a coleta dos dados, realizamos a análise do *corpus* de pesquisa por meio da confrontação dos dados secundários, representativos da proposta da Prefeitura Municipal do Recife em relação ao carnaval da cidade, com os dados primários, referentes às observações realizadas durante o período de festa nos polos contemplados pela pesquisa. A partir daí, elaboramos uma discussão acerca do campo carnaval do Recife à luz da teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

A Colcha de Retalhos: os polos centralizados do Carnaval Multicultural do Recife

Como dito anteriormente, em 2012, a festa de carnaval na cidade do Recife teve 17 polos. As observações realizadas contemplaram os nove polos centralizados, apresentados abaixo na Tabela 1.

Tabela 1 – Polos Centralizados do Carnaval do Recife

Pólo	Local
Polo Recife Multicultural	Marco Zero
Polo das Fantasias	Praça do Arsenal da Marinha
Polo Mangue	Cais da Alfândega
Corredor do Frevo	Bairro do Recife (Rua da Moeda)
Polo de Todos os Frevos	Avenida Guararapes
Pátio de Todos os Ritmos	Pátio de São Pedro
Polo Afro	Pátio do Terço
Polo das Agremiações	Avenida Nossa Senhora do Carmo
Polo das Tradições	Pátio de Santa Cruz

Fonte: Prefeitura do Recife, 2012.

A partir deste ponto, passamos a descrever nossas observações em cada um dos polos contemplados neste estudo.

O clímax precoce: o Galo da Madrugada

No sábado de carnaval, ano após ano, sai às ruas o Galo da Madrugada, bloco carnavalesco que já foi considerado o maior do mundo. Com trinta e quatro anos de existência, o Galo pode ser considerado uma das – senão a – maior atração da festa de Momo do Recife, arrastando multidões pelas ruas do Bairro de São José. Em 2012, o bloco homenageou o cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga, ícone da cultura nordestina (GALO DA MADRUGADA, 2012).

¹ Ressaltamos que, por questões de limitações de ordem prática, as observações foram executadas exclusivamente naqueles que são denominados pela Prefeitura do Recife como polos centralizados, que compreendem nove ambientes localizados no Bairro do Recife e imediações.

A concentração do bloco do Galo se deu no Forte das Cinco Pontas no início da manhã, por volta das 9 horas. Nas imediações do Forte, já se encontrava um grande número de pessoas, mas que ainda não correspondiam ao público total. Com o passar do tempo e à medida que o bloco começou a avançar em seu percurso, o número de foliões passou a aumentar exponencialmente. Ao se aproximar da Avenida Guararapes, uma verdadeira multidão se encontrava ao longo do bloco.

Em nossas observações, percebemos que o ambiente nas primeiras horas do desfile era mais tranquilo, com mais espaço para todos os foliões, que se mostravam mais à vontade. No primeiro trecho do desfile, percebemos a presença de muitas crianças acompanhadas de seus pais. Mais adiante, com o aumento do número de pessoas acompanhando o desfile e a diminuição do espaço disponível para se locomover e dançar, os foliões se mostravam menos atentos ao desfile, observando a movimentação de pessoas ao redor, por vezes com apreensão.

Apesar do público se mostrar bem variado, foi possível identificar a presença de pessoas de maior poder aquisitivo no primeiro trecho do desfile e a maior presença de foliões de menor poder aquisitivo na segunda metade do percurso, ou seja, de maior e menor capital econômico respectivamente, de acordo com os termos bourdieusianos. Cabe, ainda, ressaltar que era grande a quantidade de pessoas fantasiadas, algumas vestindo fantasias mais tradicionais e convencionais e outras com fantasias inusitadas.

Após o desfile, a estátua do Galo da Madrugada permanece exposta na Ponte Duarte Coelho durante os demais dias de festa. E foi na noite do domingo de carnaval que presenciamos uma cena digna de nota: enquanto cruzava a ponte em direção a um dos polos do carnaval, uma foliã se aproximou da estatua, parou a sua frente e reverenciou-a demoradamente, curvando-se, claramente emocionada. A expressão corporal da foliã ao curvar-se e a demonstração de comoção revelam um *habitus* específico, apontando para a valorização da tradição dentro da festa carnavalesca por parte da mulher.

Sapucaís recifenses: Polo das Agremiações, Polo de Todos os Frevos e Polo das Tradições

De acordo com a proposta da Prefeitura do Recife, estes três polos representam o espaço para a preservação das tradições relacionadas aos desfiles de agremiações carnavalescas, sejam elas clubes de frevo ou escolas de samba. Ao longo dos dias de festa, são realizados os concursos para eleger as melhores agremiações que se apresentam para o público localizado em arquibancadas ao longo do trajeto dos desfiles (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

No decorrer de nossas observações, verificamos que as agremiações são compostas, em geral, por pessoas das classes mais baixas, jovens e velhos com baixo capital econômico e cultural, mas que, dentro do espaço dos desfiles, apresentam certo capital simbólico por participarem de tal atividade. Estas pessoas se preparam para os desfiles, fantasiadas, ensaiando a performance a ser apresentada para o público.

Os espectadores, por sua vez, são compostos em grande parte pelos familiares dos foliões que desfilam; eles parecem, também, possuir poder econômico e formação cultural limitados, mas se mostram orgulhosos pelas apresentações. Além deles, se fazem presentes nas arquibancadas os turistas, que registram as apresentações em fotos ou filmagens. Já estes demonstram maior capital cultural e econômico, o que pode ser percebido pelos aparelhos eletrônicos que portam e suas vestes.

Vale destacar que o Polo das Agremiações recebe maior público do que o Polo de Todos os Frevos e o Polo das Tradições, uma vez que se localiza mais próximo de outros polos centralizados. Por vezes, algumas agremiações se apresentaram nos dois polos mais afastados para um público reduzido, até mesmo diminuto.

Raízes negras: Polo Afro

O Polo Afro é destinado à representação da cultura negra dentro do carnaval do Recife, remetendo às raízes ancestrais dos festejos da região (PREFEITURA DO RECIFE,

2012). Tal valorização das tradições da cultura africana foi defendida de forma explícita, por diversas vezes, pelo mestre de cerimônia do polo durante as noites de festa.

O espaço onde se localiza o Polo Afro é mais reduzido do que o da maioria dos demais polos e, também, se encontra um pouco mais afastado dos grandes palcos do evento. Nele, ocorrem, predominantemente, apresentações de grupos de afoxé e maracatu, mas a grande atração do polo é a Noite dos Tambores Silenciosos, que ocorre na noite da segunda-feira.

Assim como nos polos das Agremiações, das Tradições e de Todos os Frevos, o público que prestigia as apresentações é formado, de forma predominante, por pessoas de classes menos abastadas, com menor poder aquisitivo e nível educacional, e que aparentam, também ser parentes de alguns dos foliões que se apresentam no polo. Mas, percebemos a presença de alguns artistas locais e turistas brasileiros e estrangeiros – pessoas de maior poder aquisitivo e com aparente maior formação escolar. Principalmente na Noite dos Tambores Silenciosos, foi possível perceber a presença mais acentuada de turistas no polo, certamente interessados na atração de maior destaque.

É interessante frisar que neste espaço os foliões, sejam eles turistas ou não, com maior ou menor poder aquisitivo, dividem o mesmo ambiente de forma natural, lado a lado. Tal informação explicita uma característica particular desse polo: um *habitus* de congraçamento entre os foliões, que parecem ignorar suas diferenças de posições no campo do carnaval recifense.

Cirandas e cantos: Polo de Todos os Ritmos

No Pátio de São Pedro, se encontra o Polo de Todos os Ritmos, destacado pela organização do evento como um local histórico da cidade do Recife, em que é possível assistir atrações de estilos diversos, como coco, afoxé, ciranda, mangue beat, maracatu, samba, frevo (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

Localizado bem próximo ao Polo Afro, o Polo de Todos os Ritmos possui, ao redor do palco, alguns pequenos bares com mesas espalhadas nas calçadas. Os foliões presentes no polo são, em sua maioria, jovens, contudo, há pessoas com idade mais avançada. O público aparenta ser bem variado, formado por pessoas de classes sociais dispare, com poder aquisitivo e escolaridade bem distintas, indicando um *habitus* semelhante ao identificado no Polo Afro, de valorização do congraçamento. Além disto, percebemos um forte apelo lúdico neste polo, com a presença de algumas pessoas vestindo fantasias e adereços carnavalescos, diferentemente do que ocorre nos polos abordados acima. Destacamos, ainda, a presença de turistas no polo, apesar de em pequeno número.

Parte das pessoas assiste aos *shows* sentados nas mesas dos bares, enquanto outros se mantêm de pé e, muitas vezes, dançam ao ritmo dos grupos musicais que se apresentam no palco. Em determinados momentos, os foliões formaram espontaneamente breves rodas de ciranda, às quais se juntavam mais foliões. Além disto, devido à presença dos bares no ambiente, as pessoas consomem bebidas alcoólicas de forma mais acentuada do que nos polos apresentados até o momento.

Os frutos do “manguebeat”: Polo Mangue

Fortemente influenciado pelo movimento Manguebeat, o Polo Mangue é marcado pela irreverência e contemporaneidade de suas atrações. A programação do polo, localizado no cais da alfândega, oferece *shows* de artistas locais, nacionais e internacionais, todos, uns mais e outros menos, de alguma forma, ligados ao movimento mangue da cidade. De acordo com o próprio *site* da organização do evento, é no Polo Mangue que os “alternativos” se encontram (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

Esse polo apresenta um ambiente bem menos iluminado do que os demais, com um espaço próximo ao palco destinado, exclusivamente, para a apresentação de *Disk Jockeys* e à execução de música eletrônica. Com relação às atrações do palco principal

deste polo, notamos que muitos dos artistas se caracterizavam por não apresentar proximidade com os ritmos típicos do carnaval. Ao contrário, grande parte dos *shows* executados no Polo Mangue foram *shows* de rock, rap e outros ritmos.

Foi possível perceber a presença majoritária de um público jovem, em sua maioria vestidos com roupas pouco relacionadas com as tradições carnavalescas, o que indica a valorização e posse de um capital simbólico próprio, distinto daquele típico do carnaval. Esse público pareceu diverso em relação ao poder aquisitivo e grau de escolaridade, com níveis de capital econômico e cultural diversos. O que parece funcionar como elemento agregador, neste polo, é a identificação com um tipo de atração artística e ambientação distintos do convencional, reforçando a existência de uma capital simbólico de outra natureza vinculado a este polo. Percebemos, ainda, o consumo mais marcante de bebidas alcoólicas.

Boates nas calçadas: Corredor do Frevo

O chamado Corredor do Frevo se localiza no Bairro do Recife, tendo como referência a Rua da Moeda. Este polo é dedicado aos clubes de frevo e troças, que percorrem as ruas próximas. De acordo com a organização do evento, cerca de 80 agremiações se apresentaram no local durante o carnaval de 2012 (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

Diversos grupos de frevo e troças desfilam pelos arredores do corredor do frevo arrastando os foliões, que seguem as agremiações enquanto cantam músicas tradicionais do carnaval recifense. Notamos que os foliões, principalmente os turistas, demonstram grande empolgação com a oportunidade de participarem dos festejos juntamente com os blocos locais.

Contudo, a principal atração do Corredor do Frevo não são grupos de frevo ou as troças, mas sim a concentração de pessoas que se forma após o término dos desfiles das agremiações. Os foliões, quase que exclusivamente jovens, se juntam em grande número nas imediações da Rua da Moeda e passam a conversar nas mesas dos bares, nas calçadas e ruas. A região é caracterizada pela iluminação mais fraca e a miscelânea de músicas executadas nos bares. Percebemos a predominância de música eletrônica, cuja execução é acompanhada, em alguns casos, por luzes coloridas que simulam ambientes de boate na frente de alguns bares.

Apesar das músicas, poucas pessoas dançam; ao invés disto, se mantêm sentadas ou de pé conversando em grupos. Neste espaço, poucos são os foliões que se apresentam fantasiados. Em sua maioria, as pessoas se apresentam bem vestidas, indicando um maior capital econômico. Assim como no Polo Mangue, aqui é possível notar a valorização de outro tipo de ambiente (música, iluminação, trajes) que não o dos carnavais tradicionais, demonstrando a valorização e posse de um capital simbólico distinto daquele considerado convencional.

O carnaval em família: Polo das Fantásias

Segundo a Prefeitura Municipal do Recife, o Polo das Fantásias promove o resgate da beleza e inocência dos antigos carnavais, marcados pelo lirismo e romantismo dos bucólicos carnavais do passado. O ambiente é destinado às famílias e, principalmente, às crianças (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

O Polo das Fantásias, situado na Praça do Arsenal da Marinha, é caracterizado por uma decoração que remete aos carnavais tradicionais, com confetes e serpentinas espalhados pelo chão e barraquinhas de lanches espalhadas ao longo da praça. Além disto, o ambiente, talvez, seja o mais iluminado dentre todos os polos centralizados do carnaval de Recife.

Confirmando as informações fornecidas pela organização do evento, o polo é caracterizado pela presença marcante das crianças de todas as idades, quase todas fantasiadas. Devido a isto, o polo ganha ares de ambiente familiar, com a presença dos pais das crianças, bem como de pessoas da terceira idade. Contudo, destaca-se a

presença de muitos jovens na praça. No geral, os foliões apresentam em comum o fato de aparentarem pertencer a classes sociais mais altas, com maior poder aquisitivo e nível de escolaridade. Aqui podemos identificar a conjunção entre capital econômico, cultural e simbólico, reunidos em um só ambiente da festa. O polo parece assumir uma posição elevada dentro do campo do carnaval do Recife.

Destacamos, ainda, o perfil das atrações que se apresentam no palco do Polo das Fantasias. No início da noite, são realizadas apresentações de grupos carnavalescos infantis e infanto-juvenis, e em seguida ocorrem *shows* de artistas da MPB brasileira.

De todos, para todos: Polo Recife Multicultural

O palco do Polo Recife Multicultural, situado no Marco Zero, é o coração do Carnaval do Recife. É aqui que se inicia e se encerra as comemorações dos festejos carnavalescos, por meio de duas cerimônias à parte. A proposta do polo é a celebração de uma festa plural e popular, multicultural (PREFEITURA DO RECIFE, 2012).

O palco do Marco Zero é aquele que apresenta a maior estrutura e que, consequentemente, possui o maior espaço para acomodar o público. Todas as noites milhares de pessoas de origens distintas se concentram para apreciar os *shows* que, muitas vezes, são realizados pelos artistas mais consagrados e considerados as maiores atrações da festa carnavalesca. No palco, se apresentam artistas de diferentes estilos musicais e que, em alguns casos, já se apresentaram em outros polos menores do carnaval durante a festa. Muitas das atrações, inclusive, não apresentam ligação direta com a temática do carnaval.

Destacamos que, a despeito da diversidade do público presente, este é fragmentado em grupos menores, que, apesar de ocuparem o mesmo espaço, não se misturam. Existem pessoas com diferentes níveis de poder aquisitivo e educação que, muitas vezes, assistem ao *show* lado a lado. Aqui destacamos a presença dos camarotes das empresas patrocinadoras, que surgem como ilhas de exclusividade em meio ao público, com localização privilegiada e serviço próprio, entre outras benesses. Percebemos, também, que neste polo é maior o número de foliões que não acompanham o *show* efetivamente, que ficam apenas conversando com amigos ou observando o público.

O Polo Recife Multicultural pode ser encarado como um espaço de convergência entre os públicos dos demais polos, uma síntese dos demais polos centralizados. Percebemos esse ambiente como um microcosmo que espelha o próprio campo da festa carnavalesca do Recife. Nele, estão presentes as diferentes classes de agentes, com seus capitais distintos e *habitus* específicos.

A Configuração do Campo do Carnaval do Recife

Após a descrição dos diferentes polos centralizados da festa de carnaval do Recife, é possível analisarmos, sob uma perspectiva bourdieusiana, como os polos se apresentam, a fim de entendermos melhor suas características particulares e como se diferenciam entre si.

Como pudemos perceber quando da descrição dos polos, de acordo com nossas observações, os polos das Tradições, de Todos os Frevos e das Agremiações apresentam semelhanças no que diz respeito a sua estrutura e público. Podemos inferir, de maneira ampla, que os foliões apresentam um baixo capital cultural e econômico, com um alto capital social, uma vez que o público é formado, em grande parte, por pessoas que têm alguma relação com os envolvidos nos desfiles. Podemos afirmar, ainda, que esses polos são caracterizados por um tipo de capital simbólico, concedido pela perpetuação da prática dos desfiles. Mas, a própria localização dos polos, um pouco mais afastados, sinaliza para a posição periférica que estes ocupam no campo em estudo.

O Polo Afro, também, é caracterizado por um público de menor capital cultural e econômico, contudo, há uma maior presença de foliões (muitos deles turistas), com mais capital cultural e econômico. A ligação desse polo com as raízes afro-brasileiras, que levam à realização de apresentações características (como a Noite dos Tambo-

res Silenciosos), atrai os turistas e muitos foliões locais com maior poder aquisitivo. Destarte, esse polo se mostra relacionado a um capital simbólico advindo das manifestações de raízes ancestrais.

Já o Polo de Todos os Ritmos se configura como um espaço mais diversificado, que pode ser relacionado a um maior capital cultural. As atrações de estilos musicais diversos, muitas delas de cunho regional, apresentam em comum o fato de estarem associadas a um público com maior cultura. Chama a atenção, ainda, o comportamento dos foliões ao interagirem durante os *shows*, dançando em grupo. É possível perceber a presença de um capital simbólico distinto, fruto da valorização da cultura regional e afastada do *mainstream* do mercado artístico.

No que compete ao Polo Mangue, fortemente influenciado pelo movimento Manguebeat, observamos a presença de um público, em geral, de capital econômico mais elevado do que nos polos discutidos anteriormente. Os foliões que frequentam esse polo se mostram relacionados a um tipo de apresentações bem particulares, o que fica explícito, inclusive, na proposta apresentada pela organização do evento, que afirma que é neste espaço que os “alternativos” se encontram. Contudo, tal posição de “alternativos” parece funcionar como um grande guarda-chuva para acolher foliões os mais diversos, que não se identificam com a festa carnavalesca tradicional e estão à procura de outro tipo de atração.

O Corredor do Frevo surge como um espaço voltado para o público mais jovem, com alto capital econômico. Apesar de apresentar desfiles de blocos de frevo, o polo, assim como o Polo Mangue, se caracteriza por oferecer espaços mais distantes do perfil tradicional do carnaval. Identificamos nos foliões desse polo a pouca ligação com as tradições do carnaval, o que lhe concede um déficit de capital simbólico numa perspectiva das raízes do carnaval.

Como contraponto ao Polo Mangue e ao Corredor do Frevo, o Polo das Fantasias tem como sua característica mais marcante a procura pela valorização dos carnavais tradicionais. Observamos um alto capital econômico e cultural dos foliões, bem como a construção de um capital simbólico elevado, oriundo da preservação de hábitos típicos das festas carnavalescas.

Por fim, temos o Polo Recife Multicultural, que tem como proposta oferecer um espaço plural com atrações que agradem aos públicos mais diversos. Apesar da presença de foliões de perfis variados, percebemos uma pluralidade fragmentada, com a separação sutil dos grupos de pessoas em camarotes e espaços distintos, neste que é o “palco principal” da festa. Nesse polo, encontramos uma gama de atrações que buscam agradar a todos os públicos, com apresentações de grupos de maracatus e *shows* de rock acontecendo no mesmo palco. Devido a tal diversidade, se torna difícil definir a identidade particular do espaço.

No que diz respeito ao Galo da Madrugada, a exemplo do Polo Recife Multicultural, temos um espaço em que se propõe a congregar os foliões de perfis mais diversos. Entretanto, destacamos uma característica específica do Galo, que é a sua ligação direta com a preservação das tradições de celebração do carnaval, com foliões fantasiados, o desfile do bloco, o frevo etc. Devido a isto, identificamos um alto capital simbólico relacionado ao bloco Galo da Madrugada, que se mostra como uma das principais atrações do carnaval da cidade do Recife, apesar de se apresentar no início do carnaval.

Desta forma, cada polo se mostra relacionado a tipos de capitais específicos. Obviamente existem aproximações entre alguns polos, que apresentam semelhanças quanto ao público e proposta de seu espaço, mas de maneira geral, não podemos falar de uma unidade da festa de carnaval do Recife.

Considerações Finais

Chegando ao término de nossa discussão, após a análise das características da festa carnavalesca da cidade do Recife, propomos o resgate de nossa pergunta de pesquisa: como se configura o campo do Carnaval Multicultural do Recife?

Entendemos que o Carnaval do Recife se configura como um campo formado por diversos espaços bem distintos, cada um deles destinado a atender um perfil de foliões, que buscam propostas distintas para a festa de carnaval. Desta forma, ao nos debruçarmos sobre o carnaval do Recife adotando uma perspectiva bourdieusiana de análise, podemos interpretar os diferentes espaços da festa, os polos do carnaval, como representativos de nove posições distintas dentro do campo em questão. Cada polo está relacionado com uma classe de foliões específica, que apresenta um perfil particular.

A festa de carnaval se mostra fragmentada em diversos espaços, alguns com maior aproximação e identificação com outros. A proposta de multiculturalidade do carnaval recifense se mostra como uma colcha de retalhos formada pela união de ambientes díspares, a fim de atender a todos os gostos.

Apesar de não haver ataques explícitos entre os foliões de diferentes polos, percebemos que a própria construção da identidade de alguns polos passa pela determinação da diferença em relação a outros espaços da festa. Assim, cada polo busca sua afirmação e valorização de acordo com suas características particulares, se aproximando ou, ao contrário, afastando-se daquilo que podemos considerar como os hábitos e comportamentos referentes aos carnavais mais tradicionais.

Vale ressaltar, ainda, que a própria estrutura do carnaval do Recife propicia aos foliões que estes transitem entre os polos, participando de diferentes espaços da festa ao longo da noite, o que não impede a caracterização de cada um dos polos da festa do carnaval. Ao contrário, a organização da festa, na maneira como é feita, a despeito de uma promessa de democracia, parece sugerir que diferentes classes, ainda que possam compartilhar espaços, preservem seus campos, num jogo que parece legitimar não apenas as diferenças culturais das expressões populares, mas também as diferenças sociais dos foliões.

O presente estudo se apresenta como um primeiro passo na busca de uma compreensão do campo do carnaval "multicultural" do Recife. Entendemos que a ampliação de tais considerações, sobretudo por meio da observação dos polos descentralizadas, em sua maioria localizados em subúrbios de menor poder aquisitivo, possam vir a propiciar um maior aprofundamento acerca desse conhecimento, que se pretende relevante a uma avaliação das políticas públicas atualmente praticadas pelo governo municipal, bem como a um instrumento de "voz" dos foliões.

Referências

- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. *Capital social e empreendedorismo local*. Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- ARAI, Y. O carnaval do Recife e a formação do folclore negro no Brasil. In: NAKAMAKI, H.; FILHO, A. P. (Org.). *Possessão e procissão – religiosidade popular no Brasil*. Osaka: National Museum of Ethnology, 1994. p. 115-138.
- ARAÚJO F. M. B., ALVES, E. M.; CRUZ, M. P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. *Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia*.v.1, n.1, p. 22-30, 2009.
- ARAÚJO, R. C. B. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 29, 1997.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 1984.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

- _____. *Meditações pascalianas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007a.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007b.
- _____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CARVALHO, C. A. P.; MADEIRO, G. Carnaval, mercado e diferenciação social. *Revista O&S*, v. 12, n. 32, p. 165-177, jan./mar. 2005.
- CASTILHOS, R. B. *Subindo o Morro: consumo, posição social e distinção entre famílias de classes populares*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- COSTA, A. B.; COSTA, B. M. Cooperação e capital social em arranjos produtivos locais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 33., 2005, Natal/RN. *Anais...* Natal: ANPEC, 2005.
- CRESWELL, W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FARIA, A. Crítica e cultura em marketing: repensando a disciplina. *EBAPE. BR*, v. 4, n.3, p. 1-16, out. 2006.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Carnaval de Pernambuco*. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=536&Itemid=182. Acesso em: 15 jun. 2012.
- GALO DA MADRUGADA. *O Galo*. Disponível em: <http://www.galodamadrugada.org.br/>. Acesso em 15 jun. 2012.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e influências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.191-216.
- LÓSSIO, R.; PEREIRA, C. *História e estórias do carnaval em Pernambuco*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008.
- MISOCZKY, M. C. A. Implicações do uso das formulações sobre campo de poder e ação de Bourdieu nos estudos organizacionais. *RAC*, Edição Especial, p. 09-30, 2003.
- OLIVEIRA, F. S. *O habitus no lugar e o lugar da Tijuca*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- ORTIZ, R. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PASSOS, F. H.; DIAS, C. C.; CRUZ, R. C. Capital social, competências e demandas tecnológicas de arranjos produtivos locais: o caso do APL de sisal em Valente, Bahia. *E & G Economia e Gestão*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 92-112, ago. 2005
- PESSOA, J. M. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. *Carnaval Multicultural Recife 2012*. Disponível em: <http://www.carnaldorecife.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- PREFEITURA DE OLINDA. *Olinda Carnaval 2012*. Disponível em: <http://carnaval.olinda.pe.gov.br/>. Acesso em: 15 jun, 2012.
- RAUD, C. Bourdieu e a nova sociologia econômica. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 2, p. 203-232, nov. 2007.
- SALDANHA, L. V.; CARRASCO, C. R. O advento da música popular urbana do Recife no rádio e os seus desdobramentos na PRA-8. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO

NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM MÚSICA, 16., 2006, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPPOM, 2006.

SCOTT, J. *50 grandes sociólogos contemporâneos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SEBE, J. C. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 60-70, 2002.

SILVA, J.; MENDES, D.; LUCENA, S.; ATAÍDE, M.G. Carnaval do Recife como palco do folkmarketing e imaginário. In: COSTA, F. A. P. *Folk-lore pernambucano*. Recife: CEPE, 2004. p. 20-38.

SLOAN, D. O paladar pós-moderno: comer fora na era individualizada. In: SLOAN, D. (Org.). *Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor*. Barueri: Manole, 2005. p. 27-50.

TENDÊNCIAS E MERCADO. 2011. Disponível em: <http://www.tendenciasmercado.com.br/negocios/pe-economia-do-carnaval-tem-crescimento-de-54/>. Acesso em: 20 jul. 2011.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Rev. Adm. Pública*, v. 40, n. 1, p. 27-53, jan./feb. 2006.

_____. *Métodos estruturalistas: pesquisa em ciências de gestão*. São Paulo: Atlas, 2008.

VIDAL, F. M. C. Propostas de um carnaval moderno em Pernambuco (1964-2004). *Revista Tempo Histórico*. v. 2, n. 2, p. 63-79, 2010.

_____; ANDRADE, E. L. Civilizar para carnavalizar: proposta de um carnaval moderno em Pernambuco (1935-1985). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 22., 2009, Recife-PE, *Anais...* Recife: UFPE / Fundação Joaquim Nabuco 2009.

VIEIRA, D. C.; COSTA, R. Uma visão dos outros carnavais: do sec. XVII ao XIX. In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 1., 2007, Recife-PE. *Anais...* Recife: UFRPE, 2007.

WACQUANT, L. Pierre Bourdieu. In: STONES, R. *Key contemporary thinkers*. 2. ed. London: Macmillan, 2008. p. 261-277.

_____. Esclarecer o habitus. *Educação & Linguagem*, v. 10, n. 16, p. 63-71, 2007.

Artigo recebido em 10/06/2012.

Última versão recebida em 20/10/2012.

Artigo aprovado em 21/12/2012.